

As imagens da República

RESUMO

A pesquisa tem como objetivo examinar a noção de imagem na *República*, mais precisamente nos livros V, VI e VII, nos quais ocorre uma maior incidência dos termos relacionados à imagem (*eikon*, *eidólon*, *skiá* e *phántasma*). Abordamos a imagem das três ondas e a imagem do sol para demonstrar o uso que Platão faz desse recurso. O recurso imagético pretende nos aproximar o quanto possível for da verdade.

Palavras-chave: Imagem; a república; verdade.

ABSTRACT

The research aims to examine the image of concept in the Republic, more precisely in the books V, VI and VII, in which there is a higher incidence of terms related to the image (*eikon*, *eidólon*, *skiá* e *phántasma*). We approach the image of the three waves and the sun's image to demonstrate the use of this feature is that Plato. The imagery appeal seeks to approach as much as possible is the truth.

Keywords: Image; the republic; truth.

* Universidade Federal do Ceará. Email: rthe@ig.com.br

A *República* é um diálogo que traz para o centro da discussão o papel que a imagem desempenha no plano onto-epistemológico da filosofia platônica, essa característica não só se mantém, como se intensifica, pois a noção de imagem é trabalhada através das próprias imagens. Logo de início, no livro I, Platão descreve a descida de Sócrates ao Pireu para assistir à festa em honra da deusa Ártemis, cujo cortejo pela primeira vez partia dessa região pouco privilegiada de Atenas. Nessa narrativa inicial, já nos deparamos com uma imagem de descida de Sócrates – (*kathábasis*) e subida do cortejo – (*anábasis*), imagem esta que será amplamente utilizada no âmbito do livro VII e que desempenha papel fundamental na temática abordada no mito da caverna. No decurso do diálogo, Platão faz amplo uso de imagens nas mais diferentes situações. Dada a importância que a imagem adquire no interior desta, que pode ser considerada uma das mais eminentes obras do filósofo, o presente estudo pretende examinar o papel que a noção de imagem desempenha na *República*, mais precisamente, nos livros V, VI e VII, nos quais ela ocorre com maior incidência.

Tal concentração do uso de termos que se referem à ‘imagem’ ou à ‘representação por imagem’ (*eidólon*, *eikon*), incide a partir de um contexto em que se assistirá à defesa de uma série de teses que, à primeira vista, mostrar-se-ão pouco defensáveis. Ora, esse contexto é o da construção, *en lógon*, de uma cidade justa, decorrente do embate entre Sócrates e *Trasímaco* acerca da noção de justiça. Enquanto *Trasímaco* defende a tese (tipicamente atribuída aos sofistas, como a tese defendida por Cálicles, no *Górgias*), segundo a qual a justiça consiste no poder do mais forte, Sócrates lança mão de um arsenal de imagens para apresentar teses improváveis acerca da justiça, como por exemplo, a de que a prática da justiça não concerne apenas ao cumprimento das leis, mas implica num entrelaçamento da alma do cidadão e do lugar que este ocupará na *polis*. Uma cidade assim pensada requer um programa educacional distinto daquele que vigorava na Atenas de Platão. Desse modo, os livros II e III se ocupam em apresentar o processo de educação dos jovens que serão os futuros cidadãos de tal cidade, o livro IV, por sua vez, concentra-se sobre a descrição da alma numa perspectiva em que suas partes devem corresponder às partes da cidade.

No Livro V, assistimos à defesa da improvável tese de que o filósofo é o cidadão mais excelente para governar uma cidade justa. Uma tese como esta opõe-se frontalmente às práticas políticas vigentes na Atenas de Platão e não é à toa que os livros VI e VII forneçam justamente a fundamentação onto-epistemológica para essa proposta formulada no plano ético-político. Com efeito, apresentam a aclamada teoria das ideias, cujos pressupostos centrais podem ser resumidos na concepção de que o Ser (*tó ón*) constitui-se de uma dimensão estável, passível de ser apreendida apenas pela atividade do pensamento (*nóesis*) e não da percepção sensorial (*aísthesis*). Novamente, essa

compreensão opõe-se frontalmente ao senso comum, segundo o qual conhecemos as coisas através do que nos fornecem nossos sentidos. Os referidos livros tratam, portanto, de refutar a concepção do senso comum, rebaixando-a à condição de crença ou opinião, distanciada de um conhecimento do que é verdadeiro – as essências.

É nesse contexto que começa a incidir com especial frequência o uso da noção de imagem, uma vez que ela se presta para facilitar a compreensão de que o real – aquilo que é - é algo que não é dado aos sentidos, mas ao pensamento, de modo que aquilo que é sensível constitui apenas uma imagem ou cópia do real. Nessa perspectiva, a noção de imagem na filosofia platônica passou a estar intimamente associada a uma conotação negativa, reforçada por aquilo que o próprio termo suscita: a ideia de reflexo, de projeção, de sombra. Em suma, a imagem é pensada como aquilo que não é; ou ainda, como falsificação do Ser. Se no plano ontológico a imagem adquire esse estatuto de aparência, sob a qual se esconde a essência (aquilo que é em si mesmo), no plano epistemológico ela pode representar fonte de engano, por meio da qual não é dada a possibilidade de um conhecimento verdadeiro. Ora, essa compreensão da noção de imagem dificulta-nos reconhecer que todos os recursos de que Platão se utiliza para apresentar o quadro ontológico da relação entre imagem e essência são, eles próprios, também imagens. Ainda no âmbito do Livro V, cujo ápice é a tese de que o filósofo é o único capaz de governar a cidade de forma justa, constatamos que essa difícil questão é apresentada por meio da metáfora das três ondas (*trikymia*); ou seja, uma imagem na qual figura como a terceira das teses, impactantes como ondas, que Sócrates tentará defender.¹ No Livro VI, destacam-se o recurso à imagem do sol, como meio de abordar a noção de que a essência coincide com o que é bom, bem como a imagem da linha dividida, que permite vislumbrar as correlações entre os diferentes níveis da realidade e seus respectivos níveis de conhecimento. No Livro VII deparamo-nos com o célebre mito da caverna, por meio do qual Sócrates apresenta, utilizando-se de uma imagem, a própria relação entre imagem e essência.

No passo 533a, do livro VII nos deparamos com a temática da dialética e da sua relevância na *República*, visto que ela é o objetivo maior do processo educacional o qual visa a formação tanto dos habitantes da cidade justa como também a do governante filósofo, sendo ao mesmo tempo a única ciência que dá condição de acessibilidade à própria verdade. Ocorre nesse trecho um entrelaçamento entre a noção de imagem, de verdade, e a dialética, pois somente podemos ser formados nas ciências que antecedem a dialética e constituem o programa da *paidéia* da cidade justa por meio de imagens. As imagens têm o

¹ A primeira onda refere-se à educação das mulheres nos mesmos moldes que a dos homens e a segunda defende a comunidade de mulheres e filhos entre os homens da cidade.

papel de tornar mais acessíveis assuntos que de outro modo ficariam muito distantes de um entendimento ou até mesmo inacessíveis para nós. No livro VII, por exemplo, Platão inicia com a imagem da caverna que traz em si uma conotação didático-pedagógica, epistemológica e ontológica, a fim de apresentar o quadro conceitual mais importante de sua filosofia. Tudo se passa, portanto, como se o recurso a essa imagem facilitasse a abordagem desse tema de grande complexidade, sobretudo se considerarmos a inversão que a filosofia de Platão promove nas concepções mais arraigadas do senso comum, bem como dos sofistas e dos filósofos da natureza.

No quadro conceitual apresentado por Sócrates no livro VII, através da imagem da caverna, evidencia-se uma tensão entre as noções de essência e imagem, no que tange à distinção do real em relação ao aparente. Surge então a problemática do aparecer, uma vez que, do ponto de vista onto-epistemológico, a imagem é aquilo que, da realidade, aparece para nós por meio das percepções sensoriais. Nesse sentido, abrem-se dois caminhos: 1) a imagem é pensada como constituindo o objeto mesmo do conhecimento - concepção que Platão reiteradamente tentará refutar; 2) a imagem pensada como uma espécie de sinalizador da essência; ou ainda, um ponto de partida da atividade dialética na busca pelas essências – concepção que supomos ser a que Platão tentará defender. A relação que a imagem mantém com o que aparece aos nossos sentidos, em particular à visão, é recorrentemente usada por Platão como analogia para se referir à essência como algo que se apresenta apenas aos 'olhos da alma'. Nessa perspectiva, o filósofo lança mão da analogia com o sol, enquanto causa da visão, para nos fazer compreender que, aquilo que é bom (*tón kalón*, mais frequentemente traduzido como *bem*) é a causa da apreensão das essências por meio da *episteme*.

Os diálogos platônicos, de um modo geral, caracterizam-se pelo uso do recurso imagético, pois este é o que mais facilita a compreensão de um determinado quadro conceitual cuja complexidade exigiria um maior esforço do ouvinte caso não se fizesse uso das imagens. Montenegro (2012, p.197), a respeito da noção de imagem nos diálogos platônicos, afirma:

A noção de imagem [...] é particularmente cara a Platão, a começar pelo próprio estilo de sua obra, cujo apelo estético não parece deixar dúvida. Com efeito, a escolha pelo gênero dialógico e o modo como se encontram entrelaçados forma e conteúdo permitem-nos entrever um caprichoso esforço do filósofo no sentido de conferir a seus escritos um caráter imagético; como se seus diálogos pudessem produzir, à moda teatral, situações reais e verossímeis e, desse modo, provocar no leitor reações, por assim dizer, projetivas. (MONTENEGRO, 2012, p.197).

Casertano (2012, p.119-142), no artigo *A imagem nos pré-socráticos* adverte que examinará "apenas" seis termos relacionados à noção de imagem, começando com a incidência desses nos pitagóricos e finalizando seu exame

em Demócrito. Como exemplo, o termo *phantasia*, utilizado pelo filósofo de Abdera, representava uma atividade mental que se movimenta a partir das imagens que chegam do exterior; é o modo que cada um sente e representa as coisas. O autor encerra o seu artigo salientando as críticas que essa noção recebeu, por parte de Platão, Aristóteles, e pensadores subsequentes, até chegar em Aécio. Deste modo, Casertano demonstra que ocorreu uma mudança do significado do termo, tornando-se sinônimo de “aparência”, “opinião subjetiva”. Esse exemplo de transformação terminológica ocorre com muitos termos gregos, inclusive com os termos relacionados à noção de imagem.

Os termos relacionados à noção de imagem encontrados na *República* nos livros V, VI e VII, foram: *eidólon*, *eikon*, *skiá* e *phántasma*. *Eikon* é o termo mais utilizado nos livros VI e VII. A definição do termo é ampla, pode ser entendida como imagem, como reflexo, como representação por imagens, como quadro e em alguns casos como semelhança (entre dois ou mais objetos ou entre duas ou mais imagens).

No livro VI, encontramos a imagem do sol e a imagem da linha. Nesse livro localizamos uma grande incidência dos termos relacionados à imagem. Identificamos aqui um referencial teórico de grande valia para respaldar uma abordagem a respeito de uma possível “teoria da imagem” em Platão, mesmo que ele não afirme e não defina o seu interesse em abordar um conteúdo puramente imagético no referido livro. Os temas relacionados à noção de imagem são expostos em meio à abordagem de outros temas. Platão não se prende a definição do termo imagem ou se detém em dar explicações sobre qual termo é o mais apropriado para tratarmos imagem. Ele faz uso das imagens para dar conta de tratar de assuntos que são de difícil entendimento.

No livro VII ocorre também uma abordagem bastante enfática dos recursos imagéticos, utilizando amplamente termos relacionados à imagem. A começar pela imagem da caverna que une a *paidéia* a um conteúdo imagético. A imagem é figurada como recurso pedagógico privilegiado e Platão a utiliza abundantemente nesse livro.

No livro VII, passo 532cd encontramos um exemplo da incidência dos termos *eidólon*, *skiá* e *phántasma*. Apresentamos aqui o texto original em grego² e a tradução em português, de Eleazar Magalhães Teixeira.

βλέπειν, πρὸς δὲ τὰ ἐν ὕδασι φαντάσματα θεῖα καὶ σκιὰς τῶν ὄντων, ἀλλ’ οὐκ εἰδώλων σκιὰς δι’ ἑτέρου τοιούτου φωτὸς ὡς πρὸς ἥλιον κρίνειν ἀποσκιαζομένας—πᾶσα αὕτη ἡ πραγματεία τῶν τεχνῶν ἄς διήλθομεν αὐτήν ἔχει τὴν δύναμιν καὶ ἐπαναγωγὴν τοῦ βελτίστου ἐν ψυχῇ πρὸς τὴν τοῦ ἀρίστου ἐν τοῖς οὖσι θέαν, ὥσπερ τότε τοῦ σαφειστάτου ἐν σώματι πρὸς τὴν τοῦ φανοτάτου ἐν τῷ σωματοειδεῖ τε καὶ (grifo nosso).

² O texto grego foi extraído do site perseus (<http://www.perseus.tufts.edu>), Plato. Platonis Opera, ed. John Burnet. Oxford University Press. 1903. O texto em português é a tradução de Eleazar Magalhães Teixeira, das edições UFC.

[...] a capacidade de ver nas águas as imagens divinas e as sombras dos seres reais, não mais, porém as sombras das imagens projetadas por meio de outra luz semelhante, que se distingue segundo se diz por uma comparação com o sol. Todo esse estudo das técnicas que discorremos tem este poder: elevar a parte melhor da alma para a contemplação do que há de mais sublime nos seres, como antes, através da parte mais luminosa do corpo, nos elevamos até a contemplação do que há de mais claro no mundo material e visível. (grifo nosso)

A imagem das três ondas – *trikymia*

No processo de formação do rei-filósofo, a imagem das três ondas explica que assuntos não abordados na comunidade, na qual Platão estava inserido, deveriam ser abordados e inseridos na cidade construída com palavras³. Logo, a primeira lição a ser aprendida é a igualdade entre homens e mulheres no tocante a governabilidade da cidade, a segunda polêmica consiste nas mulheres e crianças serem comuns a todos os homens, e a terceira e mais poderosa de todas as ondas é que o filósofo deve governar a cidade. E de todas as ondas apreende-se que o governante não deve temer o ridículo ao propor mudanças inovadoras e polêmicas quando estas visarem o bem de todos.

No livro V, quando Sócrates é instado a falar sobre a comunidade de mulheres e crianças na cidade que ora “constroem”, tenta não se estender muito acerca de tal questão, dado o teor polêmico do assunto. Porém, Adimanto, Glauco e Trasímaco conseguem demovê-lo de seu intuito e então a argumentação se inicia com o uso da imagem das fêmeas dos cães de guarda. Uma vez que estas devem vigiar do mesmo modo que os machos vigiam, caçar com eles e fazer tudo mais em comum, logo, para que um animal seja utilizado nas mesmas funções de outro deverá ser nutrido e adestrado em igualdade. Analogamente, para que as mulheres tenham as mesmas funções dos homens deverão ser educadas na música, na ginástica e na arte da guerra, sendo desse modo tratadas em igualdade de condições.

Após a discussão sobre a natureza do homem e da mulher, conclui-se que, no que concerne à administração da cidade a mulher pode ter aptidões naturais para tal função, assim como o homem. A partir do passo 457b, Platão

³ O termo “cidade ideal” é comumente utilizado nas traduções e comentários dos textos platônicos. No entanto, este não é o termo mais apropriado. Marques sugere que o termo mais adequado seja “cidade construída no *lógos*”, ou “cidade construída na palavra”; ou ainda, “cidade construída pela linguagem” (informação verbal – PROCAD, visita à UFMG). Na tentativa de aproximar estas duas traduções, visto que para mim não são excludentes, entendo que, ao dizermos que uma cidade é construída na palavra, tem-se uma forma de fazer aparecer o que não existe. Ou seja, de construir algo, que de certo modo, idealizamos – um modelo. No caso da *República*, a cidade construída em palavras seria o modelo mais próximo possível do que, no âmbito do diálogo foi considerado como o *bem em si*. Então, de certo modo uma cidade construída pela linguagem é uma cidade idealizada. Não descartamos o uso do termo “cidade ideal”, no entanto utilizaremos apenas quando for necessário, para dar uma maior fluidez ao texto e por ser este o mais difundido nas traduções, mesmo sabendo que não é o termo mais apropriado.

nos apresenta a imagem das três ondas com as quais se estabelecem três mudanças inovadoras na cidade, algo tão diferente do que vigorava até o momento, que Sócrates diz ter receio do que está por vir, e sabe que poderá ser alvo de risos e de chacotas - “[...] aquele que tem dúvida e que procura ao mesmo tempo formular os argumentos, o que no momento estou fazendo, fica receoso e inseguro, não de expor-se um tanto ao ridículo, pois isto seria no mínimo infantil [...]” (451a).

A primeira onda a que Sócrates se refere é a igualdade entre homens e mulheres. As mulheres poderão ser guardiãs da cidade tanto quanto os homens; para isto deverão se submeter ao mesmo processo de formação, serão educadas na música e na ginástica, participarão da guerra e das práticas necessárias para a guarda da cidade.

[...] as mulheres dos guardiães devem se desnudar, já que na verdade vestirão a virtude em lugar de mantos, e devem participar da guerra e do resto da vigilância com relação à cidade e não devem exercer outras funções [...] (V, 457ab).

[...] o homem que ri das mulheres nuas, que se despem visando o melhor, este, ‘colhendo o fruto verde do risível,’ nada sabe, ao que parece, sobre aquilo de que ri, nem o que faz, pois sem dúvida é com muita propriedade que se diz e sempre se dirá que o *útil é belo, e feio o prejudicial*. (V, 457b).

Após o alívio de sair ileso da primeira onda, Sócrates avisa que quando vir a segunda constatará que a primeira não foi tão grande assim como se pensava. E sem muitas palavras para preparar a chegada da segunda onda instaura a comunidade de mulheres, na qual todas as mulheres serão comuns a todos os homens e também os filhos serão comuns, ou seja, o pai não saberá quem é seu filho e vice-versa. O trecho da *República* que propõe a comunidade de mulheres e de crianças é bastante criticado, pois Platão ao mesmo tempo em que põe fim à instituição familiar, tenta ampliar o conceito de família visando a transformar a sociedade como um todo numa grande família. A proposta de por fim à família tradicional é no mínimo polêmica não só na Grécia antiga, mas como também na sociedade moderna e contemporânea.

A terceira onda vem após um considerável trecho sobre a comunidade de mulheres e crianças (458a-473a). Essa será a maior e mais avassaladora onda – uma mudança única irá causar uma transformação inigualável - os filósofos devem governar a cidade, pois o único modo de acabar com os males da cidade e do gênero humano é com os filósofos no poder.

Irei direto à aquilo, disse eu, que comparávamos com a maior onda. Ora, será dito então que, embora simplesmente semelhante a uma onda que explode em gargalhadas, ela haverá de me inundar de ridículo e de desprezo. Mas examina o que vou dizer.

Fala, disse ele.

A menos, disse eu, que os filósofos se tornem reis nas cidades, ou que os que hoje chamamos reis e soberanos cultivem realmente e por longo

tempo a filosofia, e que isto coincida numa mesma pessoa: o poder político e a filosofia, e a menos que as numerosas naturezas dos que hoje caminham separados para um ou para outra sejam forçosamente excluídas da política, não há, ó amigo Glauco, interrupção dos males para as cidades, nem mesmo para o gênero humano, conforme penso, nem jamais, antes disso, essa forma de governo que foi por nós exposta com detalhes pela palavra, florescerá nem verá a luz do sol. (V, 473de).

A imagem da onda é, nesse contexto, usada de modo bastante engenhoso por Platão. Com efeito, por um lado a onda representa de modo metafórico os obstáculos que Sócrates deverá ultrapassar, no plano dos argumentos, a fim de convencer seus interlocutores de que a justiça, na cidade, depende da implantação de medidas praticamente inaceitáveis, como a isonomia concernente à distribuição das funções de homens e mulheres (primeira onda); a comunidade de mulheres e crianças (segunda onda); e, por último, a necessidade de que a cidade seja governada por um rei-filósofo.

Todavia, a comparação desses obstáculos a ondas adquire uma conotação, por assim dizer, cômica, ou ainda, risível. Como se Platão soubesse, de antemão, que os argumentos propostos por Sócrates, de tão pouco prováveis, soariam ridículos, embora simples – “semelhante a uma onda que explode em gargalhadas, ela haverá de me inundar de ridículo e de desprezo.” (V, 473d)

Ora, não devemos esquecer que a proposta de mulheres ocupando cargos de poder e de uma comunidade de mulheres aparecem na comédia aristofânica, mais precisamente na “Lisístrata” e na “Assembléia das mulheres”, como uma espécie de escárnio do comediante face aos excessos da democracia. Platão, por sua vez, joga com maestria com esse elemento que, apesar de parecer risível, deve, contudo, ser levado a sério.

A *trikymia*, portanto, apresenta-se como uma imagem que traz consigo o ponto alto do conteúdo presente no livro V, a tese improvável de que o filósofo é o único cidadão apto a governar a cidade justa; tese esta que se opunha cabalmente ao que se praticava em Atenas, à época de Platão. Esta tese reforça a importância da educação na *República*, pois todo o projeto de *paidéia* exposto nessa obra tem como objetivo a viabilização da formação do rei-filósofo, o qual tem que possuir, não só aptidões naturais, mas receber a educação adequada.

A imagem do sol

A relação que a imagem mantém com o que aparece aos nossos sentidos, em particular à visão, é recorrentemente usada por Platão como analogia para se referir à essência como algo que se apresenta apenas aos ‘olhos da alma’. Nessa perspectiva, o filósofo lança mão da analogia com o sol, enquanto causa da visão, para nos fazer compreender que, aquilo que é bom (*tón*

kalón, mais frequentemente traduzido como *bem*) é a causa da apreensão das essências por meio da *episteme*.

A imagem do sol é apresentada no livro VI da *República* e trata da relação entre o sensível / visível e o inteligível / visível com os olhos da alma. Através dessa imagem o filósofo tenta, por assim dizer, explicar o invisível - algo de difícil compreensão para a maioria (*hói polói*) - dada a condição em que esta vive, a saber, imersa no âmbito da opinião (*dóxa*). Desse modo, postula a sua tão debatida teoria do conhecimento. O mais interessante é que, de certo modo, podemos pensar nesta última como uma teoria das imagens, considerando o amplo uso que o filósofo faz delas. Esboçar uma teoria das imagens por meio da própria imagem do sol é um recurso excelente para ajudar o governante filósofo entender o difícil tema do visível e do inteligível na sua formação. Recurso sem o qual seria muito mais difícil abordar esta temática.

De início, ao falar do sentido da visão, Sócrates explica que a faculdade de ver e a de ser visto necessita de um terceiro elemento, pois para que os olhos possam ver e as cores tornem-se visíveis, faz-se imprescindível a luz. A luz tem um valor inestimável e liga o sentido da visão à faculdade de ver. A partir dessa associação, a imagem do sol se evidencia. Sócrates pergunta: Então, entre os deuses do céu, qual deles indicas como o que tem poder para fazer isso? De quem é a luz que faz com que vejamos com maior nitidez possível e sejam vistas as coisas visíveis? (508a). O sol é a resposta mais evidente. A explicação por meio da imagem do sol continua:

A vista não é um sol, nem ela nem aquela parte em que ela se encontra, a qual chamamos precisamente olho.

Sem dúvida, não é.

Mas penso que, dos órgãos relacionados com os sentidos, o olho é o mais parecido com o sol.

E muito até.

Então até o poder que tem, ele não recebe do sol, como um fluxo dele decorrente?

Sem dúvida.

O sol também não é a vista, mas sendo a causa da vista, não é visto por ela própria?

É assim, respondeu.

Então, disse eu, podes acreditar que era o sol que eu queria dizer *filho do bem*, que o *bem* engendrou em proporção com ele próprio, e aquilo que precisamente, no mundo inteligível, é o *bem* com relação à inteligência e aos objetos inteligíveis, no mundo visível, a mesma coisa é o sol com relação à vista e aos objetos visíveis. (VI, 508bc).

A imagem do sol serve, pois, de recurso por meio do qual Platão relaciona a alma às essências. Com efeito, assim como a luz do sol é o elemento que permite a percepção dos objetos sensíveis, aquilo que é Bom deverá veicular a apreensão das essências pela alma. Nessa perspectiva, quando a alma

se sustenta no “que a verdade e o ser lançam sua luz” (VI, 508d), ela compreende e parece ter inteligência, porém, ao fixar-se no que se mistura ao obscuro, ou seja, no que nasce e perece, sua visão fica turva, assemelhando-se a alguém desprovido de inteligência. A imagem do sol permite, pois, falar daquilo que, com palavras, muitas vezes não conseguimos alcançar, como a noção do bem (ou daquilo que é bom). Citemos a seguir um trecho que evidencia o quanto Platão tira proveito dessa analogia entre o sol e a ideia do bem:

Então aquilo que fornece a verdade aos objetos de conhecimento e que dá o poder de conhecer ao que conhece, acredita que é a *ideia do bem*; e põe em tua mente que ela é a causa de que a ciência e a verdade sejam conhecidas, mas que, por mais belas que sejam as duas a ciência e a verdade, se pensares que há também outra coisa ainda mais bela que essas, pensarás isso corretamente; e como no mundo visível é justo considerar que a luz e a vista se assemelham ao sol, mas não é correto pensar que elas são o sol, assim também no mundo inteligível é correto considerar, com relação à ciência e à verdade, que ambas se assemelham ao *bem*, mas não é justo pensar que qualquer uma das duas seja o *bem*, senão que é preciso prezar ainda mais o modo de ser do *bem*. (VI, 508e-509a).

Um aspecto relevante quando examinamos a questão imagética nos diálogos é o da relação da imagem com o verdadeiro e o falso. Ora, enquanto tal, a imagem não pode coincidir com a verdade, dado o seu próprio estatuto de reflexo, cópia ou imitação das essências (do *Ser* ou, simplesmente, daquilo que é). Entretanto, ela pode aproximar-se mais ou menos da verdade, uma vez que, na onto-epistemologia platônica, há graus de distanciamento e aproximação em relação àquela. Desse modo, a imagem que tem como fim o exame filosófico será a que mais nos aproximará da verdade; é aquela que gera um benefício epistêmico-pedagógico para quem a visualiza. Essa imagem é aquela que faz aparecer o que não era visto. A imagem que mais se distancia da verdade e que denominamos como falsa é aquela que tem como objetivo o engano, que não se preocupa com o fim que esta imagem alcançará.

Sendo a utilização das imagens uma constante nos diálogos de Platão, não é difícil depreender que é através delas que ele torna possível aproximar seu *lógos* da verdade. Com isto temos que o próprio *lógos*, em Platão, adquire o estatuto de imagem. Platão constrói continuamente imagens com suas palavras, o que nos permite visualizar, mesmo que de modo aproximativo, cenas que vão possibilitando o entendimento de assuntos de difícil acesso. A respeito do caráter epistêmico-pedagógico da imagem e da sua importância para a compreensão da dialética, Marques explica:

A imagem é criticável na medida precisa em que fascina e impede que os indivíduos a distingam daquilo de que ela é imagem. Mas a imagem, criticamente utilizada tem uma função decisiva na compreensão do que é a dialética, assim como na sua transmissão, ou seja, na formação do filósofo. (2009, p.137).

Na *República*, deparamo-nos com muitos quadros pintados por Platão para nos mostrar com mais clareza (e, sobretudo, beleza) o que devemos entender a respeito do ser e de nossa disposição a conhecê-lo; ou ainda, do real e de sua cognoscibilidade. Casertano, acerca das imagens, salienta:

[...] o uso das imagens e das metáforas é o sinal da consciência de uma tensão para a conquista da verdade que nunca pode aquietar-se, porque o caráter específico da pesquisa é justamente o de ficar sempre em aberto: a imagem é, propriamente, um filtro construído por nós, através do qual podemos “ver” a verdade, o filtro “visual” através da qual ela nos aparece. (2011, p.109).

A relação entre imagem e essência na filosofia platônica é, pois, muito mais complexa do que se passou a veicular no platonismo⁴, pois enquanto essa tradição enfatiza apenas o papel enganador das imagens, deixa de salientar que tudo a que temos acesso são imagens. Assim sendo, a empresa platônica (a dialética) pode ser pensada como o processo de refutação, no *lógos*, das imagens enganadoras e a subsequente busca por imagens mais reveladoras das essências.

As imagens do sol e das três ondas, assim como também outras imagens da *República* contribuíram efetivamente para o entendimento de diversas questões sem as quais não seria possível entendê-las. Assim como também auxiliaram na formação do rei-filósofo, que por sua vez, é formado fazendo uso dessas e de outras imagens como recurso pedagógico-filosófico. A imagem do sol contribuiu para a abordagem de um tema de difícil entendimento, a saber, do visível e do inteligível, também nos apresentou uma possível teoria das imagens que podemos apreender a partir dela. A contribuição da imagem das três ondas é riquíssima, pois Platão a utiliza para abordar as três mudanças polêmicas que devem ser inseridas na cidade que será governada pelo filósofo e ainda o ensina a não temer o ridículo ao expor suas inovações para o bem de todos.

Constatamos, portanto, que essa noção da tradição de imagem como apenas fonte de engano é uma visão parcial e deturpada do que a imagem representa no cenário da filosofia platônica e em especial da *República*. A imagem pode, sim, ser vista como um engano, por outro lado não podemos desconsiderar o seu papel de nos aproximar da verdade, o qual caracteriza todo o esforço de aprendizado platônico, conhecer o quanto mais próximo possível for à verdade.

⁴ Correntes da filosofia platônica que enaltecem uma metafísica dualista (ontologia).

Referências bibliográficas

PLATÃO. *A República*. Tradução e notas de Eleazar Magalhães Teixeira. Fortaleza: Edições UFC, 2009.

BLOOM, Allan. *The Republic of Plato*. 2. ed. New York: Basic Books, 1968.

CASERTANO, Giovanni. Uma introdução à *República* de Platão. São Paulo: Paulus, 2011.

DIXSAUT, Monique. *Métamorphoses de la Dialectique dans les Dialogues de Platon*. Paris: Librairie Philosophique J.VRIN, 2001.

ISIDRO PEREIRA, S.J. *Dicionário Grego-Português e Português-Grego*. 8. ed. Livraria Apostolado da Imprensa, 1998.

JAEGER, Werner Wilhelm. *Paidéia: a formação do homem grego*. 4. ed. Tradução de Artur M. Parreira. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

MARQUES, Marcelo P. (Org). *Teorias da imagem na Antiguidade*. São Paulo: Paulus, 2012.

_____. República VI. Aparecer e imagem. In: PERINE, Marcelo (org.). *Estudos Platônicos: sobre o ser e o aparecer, o belo e o bem*. São Paulo: Loyola, 2009.

MONTENEGRO, M. A. P. *Natureza e linguagem na Filosofia*. Fortaleza: Edições – UFC: 2006, p. 403.

PAVIANI, Jayme. *Platão & a educação*. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.

_____. *Platão & A República*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2003.

PLATO. *Platonis Opera*. Ed. John Burnet. Oxford: Oxford University Press. 1903. (<http://www.perseus.tufts.edu>).

SANTOS, José T. *Para ler Platão: a ontoepistemologia dos diálogos socráticos*. São Paulo: Edições Loyola, 2008.